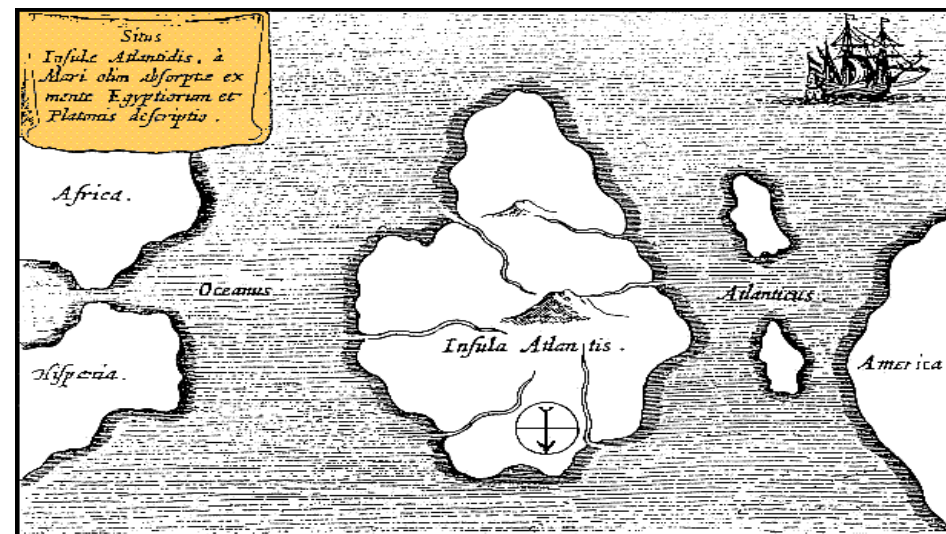


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº 3 Edição março 2010

DEDICADO A JOSÉ DIAS DE MELO



CADERNO Nº 3 Edição março 2010

DEDICADO A JOSÉ DIAS DE MELO

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

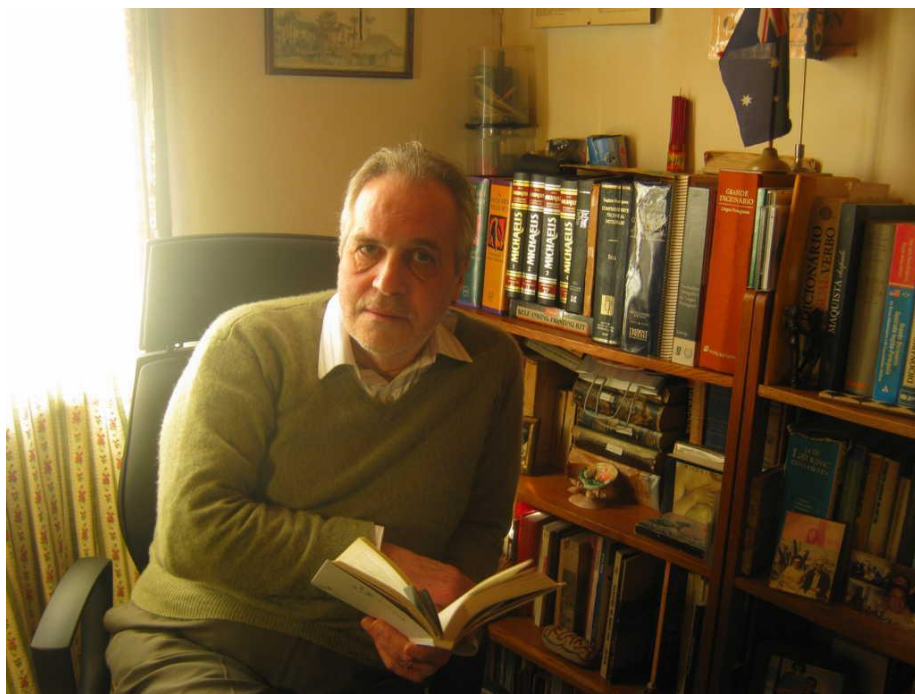
Editor AICL Colóquios da Lusofonia

Coordenadoras Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**
Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de

autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolíngue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “**9 ilhas, 9 escritoras**”. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...“*assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental*”.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “*a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem*”.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

² Adotando a designação feliz utilizada por Álamio Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

- Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a [mini-bibliografia](#), disponível no nosso portal www.lusofonias.net. Existe uma versão alargada com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos a ser publicada em 2017

Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Crónica 56 DIAS DE MELO por Chrys Chrystello, 24 setembro 2008

“A esperança num mundo melhor já não será para mim, talvez não será para nenhum de nós e eu revolto-me com aquilo que vejo à volta de mim”
Dias de Melo

Hoje fiquei mais pobre e de novo órfão. Até maio deste ano pouco ou nada sabia sobre Dias de Melo que convidei a estar presente como Escritor convidado no 3º Encontro Açoriano da Lusofonia juntamente com o meu amigo Daniel de Sá. Eram eles os dois representantes da literatura açoriana que quis dar a conhecer a todos os que nem sequer sabiam da existência da mesma.

Dias de Melo é um operário, um agricultor, um pescador, um escultor que trabalha, ceifa, pesca e esculpe cada palavra, como se fosse um baleeiro do Pico, referência constante das suas conversas como o é Mestre José Faidoca, personagem sempre presente nas histórias que também presenciou como homem do mar, pescador, marinheiro, mestre de lancha.

Escreve como se da janela da sua casa no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim vísse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras.

Andei assim apenas quatro meses na descoberta da genialidade, da sinceridade da obra de Dias de Melo (que ainda não estudei na totalidade, mas apenas os títulos reeditados pela (VER AÇOR). Foi uma paixão literária à primeira vista, pois a sua escrita flui e embrenha-se como o nevoeiro em que os baleeiros se debatiam ao longo de séculos na luta inglória e injusta para ganharem a vida. Se tivesse que resumir o autor a uma palavra usaria INJUSTIÇA. É da sua denúncia que ele trata ao abordar temas como a emigração, a vida no seu Pico natal, as realidades sociais e económicas, a repressão durante o Estado Novo, e em todas, para além dos inúmeros dramas humanos retratados na linguagem simples dos homens do povo, lá vem a injustiça.

Não querendo ordenar classificatoriamente os escritores como se de autores de música popular se tratasse, o certo é que desde que o comecei a ler, Dias de Melo alcandorou-se ao lugar cimeiro das minhas preferências e sinto-me extremamente honrado por ter trocado algumas palavras com ele, durante o colóquio e no jantar do primeiro dia de trabalhos. Não o conhecia mas conhecendo as suas obras e a sua vida de luta fica-se com a sensação de o termos conhecido sempre, de pertencermos à mesma família, uma espécie de alter-ego daquilo que gostaríamos de ter sido. Autor e compositor de música popular, Dias de Melo ficará inexoravelmente conhecido como o escritor da baleação e da condição humana.

Coube-lhe a sorte de ter recebido algumas merecidas homenagens públicas nos seus últimos meses de vida quando viu a 2 de maio 2008 (na véspera do Encontro Açoriano) reeditar algumas das suas melhores obras. Cumpre-nos a nós não deixar que a sua memória se esvaneça e porfiar para que os seus livros sejam lidos por todas as novas gerações.

Herman Melville na sua epopeia da Moby Dick na qual retrata alguns açorianos, não conseguiu resumir a essência dos baleeiros como Dias de Melo pois este era um espetador atento da sua luta quotidiana e resolveu dá-la a contar ao mundo. Disso vos trago testemunho com a saudade que a sua morte nos deixa a partir de hoje.



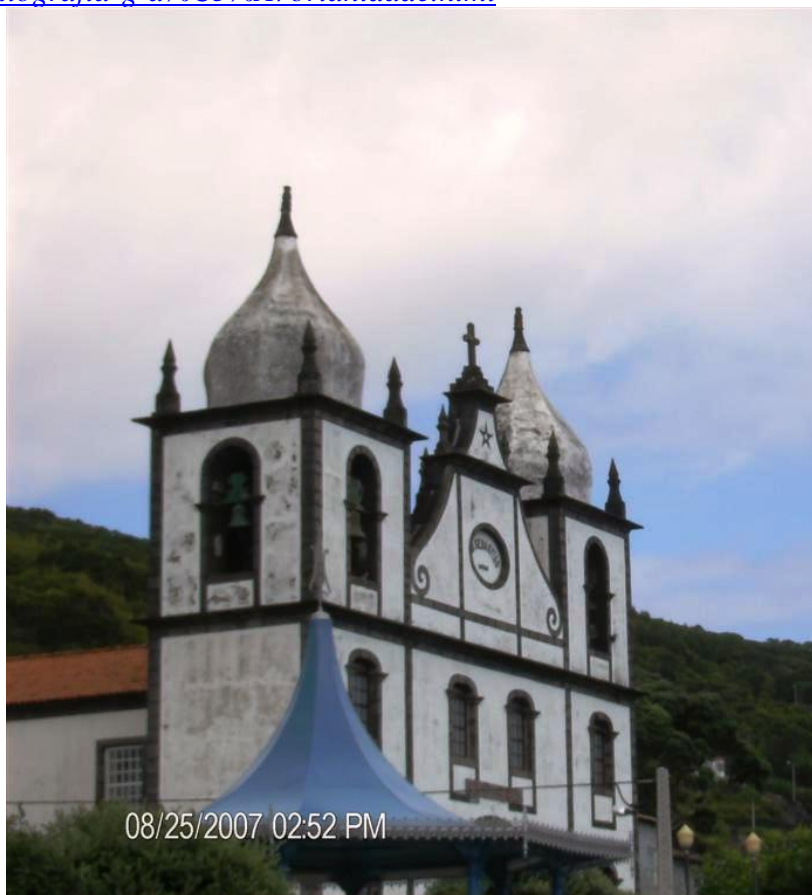
PINTURA DE TOMÁZ BORBA VIEIRA (1974)

OBRAS PUBLICADAS

- (1954). *Toadas do Mar E da Terra*, Poesia, Artes Gráficas. Ponta Delgada.
- (1958). *Mar Rubro*, ficção. [s.l.]
- (1964). *Pedras negras*. 1ª ed. Lisboa. Portugalia
- (1971). *Cidade cinzenta*, contos e crónicas. Lisboa, ed. Salamandra
- (1973). *Na noite silenciosa*. Poemas de natal. [s.l.]
- (1973). *Tentativas de teatro na escola*. dissertação didático pedagógica
- (1973). "Tentativas de teatro na escola". *Diário Escolar*. Angra
- (1976). *Mar pela proa*, narrativa. 1ª ed. Lisboa, ed. Vega.
- (1979). *Vinde e vede*. Contos e crónicas. Lisboa: Ed. Ilhas
- (1980). *Mar rubro*, ficção. 2ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
- (1983). *Vida vivida em terra de baleeiros, crónicas*. Angra. SREC
- (1985). *Na memória das gentes, Livros 2 e 3 de 6 vols*. Angra. 1ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
- (1985). *Pedras negras*. 2ª ed. Lisboa. Vega ed.
- (1985). *Vida vivida em terra de baleeiros*, 2ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
- (1986). *Uma estrela nas mãos do homem*, contos. Lisboa, ed. Salamandra
- (1987). *Mar pela proa*. Lisboa, ed. Salamandra
- (1988). *Dark stones*. RI ed. Gávea-Brown Publications
- (1988). *Lira Fraternal Calhetense, monografia*. Lisboa, ed. Salamandra col. Garajau
- (1990). *Das velas de lona às asas de alumínio*. Lisboa, ed. Salamandra, col. Garajau
- (1990). *O autógrafo*. Lisboa, ed. Salamandra
- (1991). *Nem todos têm natal*, novela. Lisboa, ed. Salamandra
- (1992). *Aquém e além canal*. Lisboa, ed. Salamandra
- (1992). *Na memória das gentes, Livros 1-2*. 3 vols. Angra. SREC
- (1992). *O menino deixou de ser menino, novela*. Lisboa, ed. Salamandra col Garajau
- (1992). *Tempos últimos*. Lisboa, ed. Salamandra
- (1993). *A viagem do medo maior*. Lisboa, ed. Salamandra col Garajau
- (1994). *Pena dela, saudades de mim*. Lisboa, ed. Salamandra col Garajau
- (1995). *Crónicas do Alto da Rocha do Canto da Baía*. Lisboa, ed. Salamandra
- (1996). *Dark stones, trad. de Gregory McNab*. Providence. RI, ed. Gávea-Brown
- (1996). *Inverno sem primavera*. Lisboa, ed. Salamandra
- (1999). *O autógrafo*. Lisboa, ed. Salamandra 2ª ed. col Garajau
- (2000). *Reviver: na festa da vida a festa da morte, narrativa*. Lisboa, ed. Salamandra, col "Garajau".
- (2001). *À boquinha da noite, narrativa*. Lisboa, ed. Salamandra
- (1999). *Milhas contadas, romance*. Lisboa, ed. Salamandra
- (2003). *Pedras negras*. 3ª ed. Ed. Salamandra.
- (2004). *Toadas do mar e da terra*. Ponta Delgada. Fórum Culturas. 2ª Ed. Documentário de Zeca Medeiros
- (2004). *Poeira do caminho: reminiscências do passado, vivências do presente*. Porto. Campo das Letras Ed.
- (2007). *Na noite silenciosa. Poemas de Natal*. 2ª ed. Ponta Delgada. VerAçor.

(2008). *A montanha cobria-se de negro*. Ponta Delgada. VerAçor
 (2008). *Mar pela proa*. 4ª ed. Ponta Delgada. VerAçor.
 (2008). *Mar rubro*. Baleeiros do Pico. 3ª ed. Ponta Delgada. VerAçor.
 (2008). *Pedras negras*. 4ª ed. Ponta Delgada. VerAçor.
 [s.d.; s.i.]. *O muro amarelo* [s.i. s.d.]
 [s.d.; s.i.]. *Tempos últimos* [s.i. s.d.]

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



EM TORNO DA(S) ILHA(S)... OU INSULARIDADES

MILHAS CONTADAS. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, 2002, PP. 64-65-66 E 67.

“- [Aqueles nuvens] Querem dizer que nos aproximamos da Ilha, que a Ilha, as Ilhas, estão quase sempre envolvidas em nuvens, umas vezes, sim, anunciam borrasca, temporal, outras não, antes prometem bom tempo. Aqueles, além de mensageiras de tempo bom, são das que vêm dar ao céu, ao nascer do Sol, aquelas fantásticas pinceladas de beleza que lhe tem faltado. Porque, no meu modo de ver, um céu sem nuvens é uma tela por pintar.

- E de súbito excitado:

- Eugénia! Repara! Vê!

[...]

E Eugénia sem querer acreditar:

- Mamíferos no mar?

- Sim. Golfinhos. Na Ilha chamam-lhes toninhas. Serão golfinhos doutra espécie, não sei.

- Lindas! Andam a dançar.

[...]

- Agora só nos falta ver baleias – diz Pedro António.

- Veem-se também? – pergunta Eugénia.

- Andam muito por esses mares, passam muito pela Ilha. E pelas outras ilhas do arquipélago. Não há muitos anos, quando apareciam, ora mais ao largo, ora mais ao perto, os nossos baleeiros iam (tinham aprendido nos navios baleeiros americanos, veleiros, quase sempre, se não sempre, armados em barcas, que os levavam para a América) e iam apanhar as que podiam depois de um deles, que chegara a capitão, embora não encartado (houve, da nossa e de outras Ilhas, uns quantos capitães baleeiros não encartados), fundou, por meados da segunda metade do século passado, a que foi a nossa primeira companhia baleeira, uma espécie de cooperativa de que todos os baleeiros eram sócios, pelo que ganhavam alguma coisa.

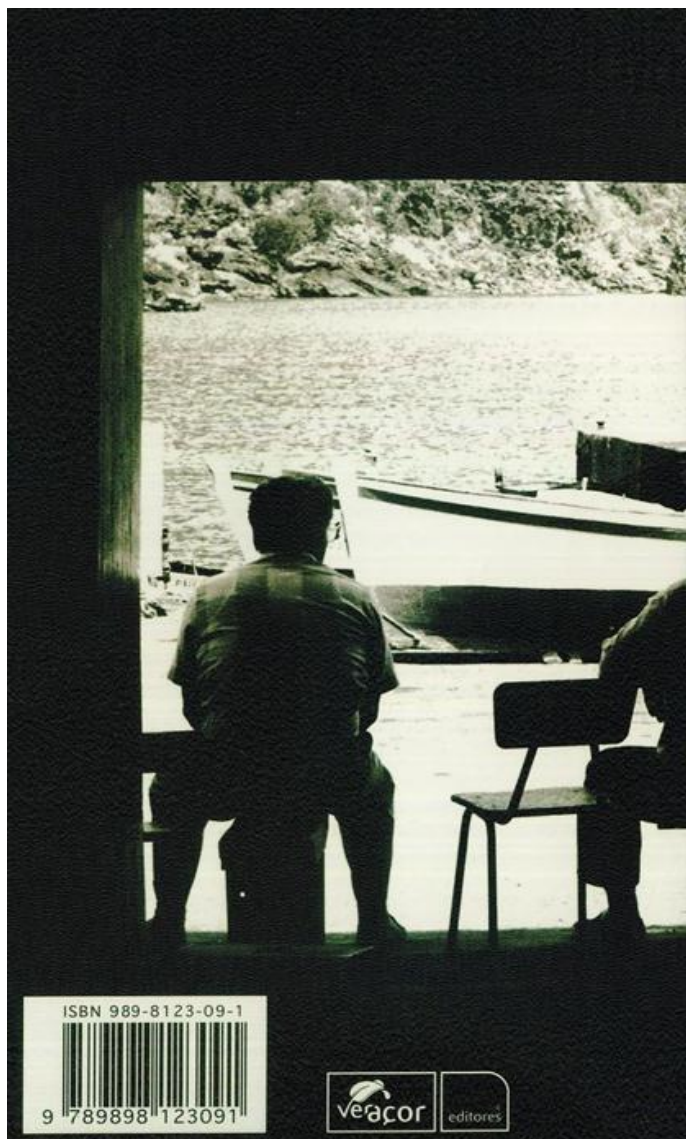
[...]

Aquilo é uma pesca, ou caça (há quem diga pesca e há quem diga caça – os baleeiros, pelos menos os nossos, diziam pesca), muito arriscada, muito perigosa, nela alguns ficaram mutilados, não pouco estropiados, inutilizados para o resto dos seus dias e, pior que tudo, uns quantos perderam a vida.

[...]

- Mas arriscarem-se a ficarem inutilizados para o resto dos seus dias ou a perderem a vida... – insistia Eugénia.

- Era, repito, por causa do azeite (ou óleo, é a mesma coisa) que elas davam, montes de azeite depois de lhes derreterem o toucinho. Aquilo era um grande negócio que rendia montes de dinheiro. Para os armadores e exportadores. Não para os baleeiros.”



“Serão Açoriano” - À memória de minha Mãe
Toadas do Mar e da Terra. Poemas. Ponta Delgada, Fórum Culturas, 2004 [1ª edição: do autor, Ponta Delgada, 1954], pp. 91-92, com uma “Apresentação” de Armando Côrtes-Rodrigues, primavera de 1954, Ilha de S. Miguel dos Açores”.

“Noite de inverno, escura e triste.
A chuva cai, de mansinho,
contra os vidros da janela
e na lama do caminho.

O vento sopra e zune... agreste...
E eu oiço ao longe a agonia
das figueiras depenadas
inundando a noite fria.

Vai o serão p'la noite dentro.
Sentam-se, na larga esteira,
velhos, novos e crianças
junto ao fogão da lareira.

Os velhos sabem tanta coisa!
E as crianças encantadas,
ouvem histórias de baleias,
de princesas e de fadas.

Era uma vez... era uma vez
uma Gata Borralheira
e o Capitão dum navio
e uma linda Feiticeira...

A vida é rude e trabalhosa...
Os homens falam da Terra,
do Mar incerto, dos gados,
e dos brumaços da Serra.

São amorosas as mulheres...
E à luz fraca da candeia,
mais ao lado, num cantinho,
toda a noite fazem meia,

Brandos arpejos [sic] de guitarra.
Uma voz adolescente
canta modas doutro tempo

numa cadência dolente.

Já morre o fogo no brazeiro *[sic]*.
É tudo assim nesta vida:
uma chama que se ateia
e logo tomba... vencida...

Findou o serão. Fico só.
Anda a Saudade a chorar,
na voz do vento e da chuva,
sobre as telhas do meu Lar.

E entre os lençóis, no leito amigo,
quando, enfim, o sono vem,
sinto a saudade a lembrar-me
-- Saudades da minha MÃE!"

No 9º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, LAGOA 2008



No 9º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, LAGOA 2008

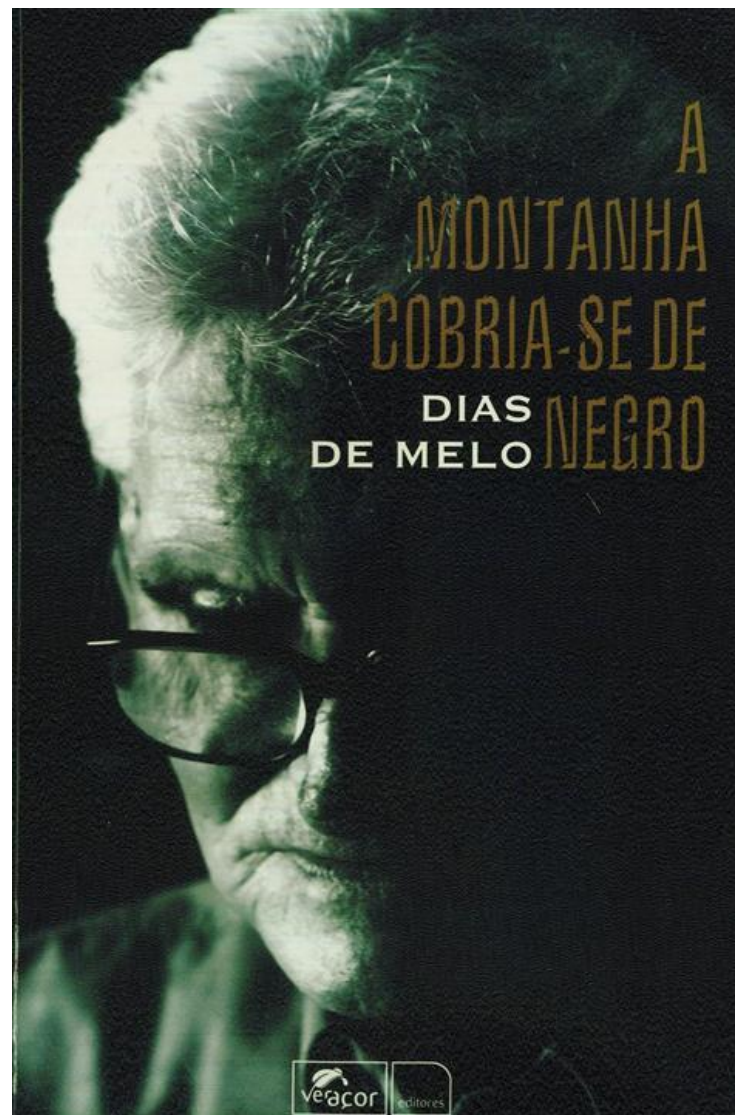




CALHETA DE NESQUIM



A CASA DO AUTOR



“Por Terras dos Açores” – “Aos meus FILHOS”
Toadas do Mar e da Terra. Poemas. Ponta Delgada, Fórum Culturas, 2004 (1ª edição:
do autor, Ponta Delgada, 1954), pp. 93-94 e 95.

A’luz do Sol da manhã
à luz do Sol criador,
quero beijar os meus Filhos,
os Filhos do meu Amor.

Venho de longe... de longe...
Andei, de alma embevecida,
na minha Ilha morena,
no azul do Mar perdida.

Vi a gente que trabalha,
com alegre devoção,
e vi a Terra a florir
em poemas de Amor e Pão.

Ajoelhei, ante a Paisagem,
no alto dos altos montes...
E na penumbra dos vales
bebi da água das fontes.
Nas vindimas, nas adegas,
dormi na rama do pinho,
embalado pelas ondas
e o pinga-pinga do vinho.

Alma cheia de ilusão,
fui também na romaria,
com o Povo enamorado
do encanto da luz do dia.

Em longas noites de inverno,
seroei, junto à lareira,
ao clarão da chama rubra
do tronco duma faieira.

Brando fogo da lareira,
De remota claridade...
quantas sombras se avivaram
na fogueira da Saudade!

Andei, no alto do Mar,
nos botes dos Baleeiros
e andei nos Barcos do Pico
com meus irmãos Marinheiros.

E vim, nos Barcos do Pico,
Até aqui, de ilha em ilha
--e em cada uma encontrei
recantos de maravilha!

Meus Filhos! Cheguei há pouco!
Com a alma emocionada,
eis-me aqui, na vossa Ilha,
toda verde e perfumada!

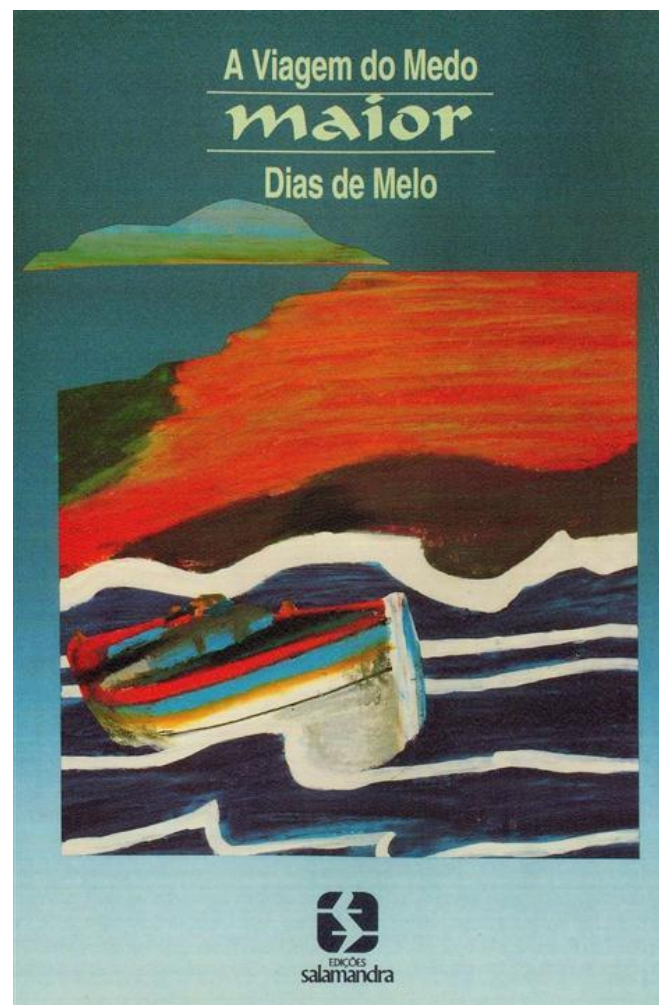
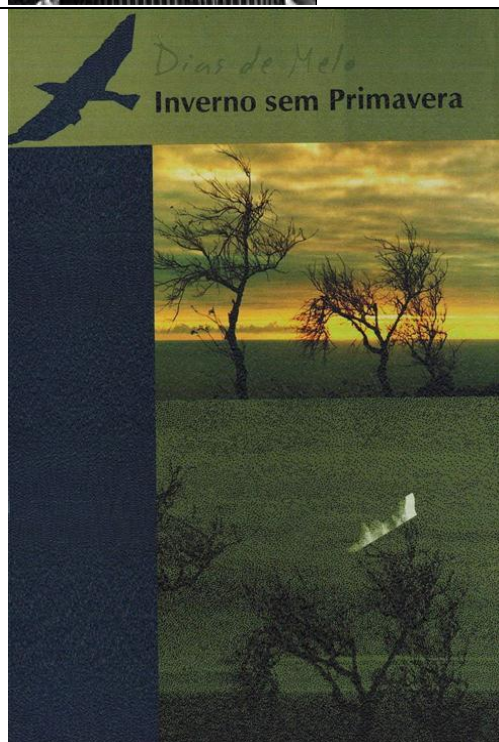
Trago na boca ressaibos
da espuma do Oceano
--nos olhos, os horizontes
deste Mundo Açoriano!

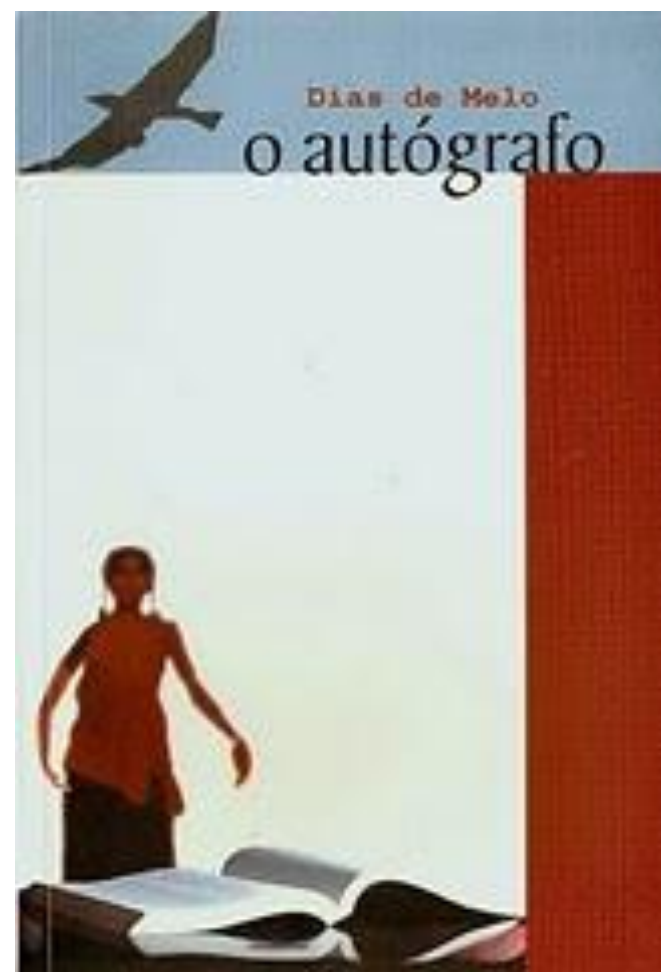
E mais trago, na minha Alma,
a Alma de toda a gente
que nestas Ilhas nasceu
e vive e trabalha e sente!

Meus filhos!
Com o beijo que vos dou,
cheio de Fé e Esperanças,
à luz do Sol que ilumina
o vosso olhar de crianças,

quero gravar-vos na alma.
entre os mais altos amores,
O Amor da Gente e das Coisas
destas ilhas dos Açores!

Açores! – uma só Terra
em nove ilhas repartida!
- Uma só Alma a sonhar
na bruma azul recolhida!”







Tempestade

Toadas do Mar e da Terra. Poemas. Ponta Delgada, Fórum Culturas, 2004 (1ª edição: do autor, Ponta Delgada: 1954), p. 14.

"Nuvens de chumbo muito negro... E o vento
passa a gritar gemidos de ansiedade...
E a voz do Mar soluça... num lamento...
--O' mestre! vem chegando a Tempestade!

Ei-la! --Ouvem-se agora só rugidos
de invisíveis mostrengos infernais.
Velas rasgadas... mastros já partidos...
--Meu Deus! meu Deus! --E o tempo sempre a mais!

Montanhas de água branca e reluzente
perseguem nosso barco, brutalmente,
num impiedoso anseio de matar.

E ao leme, o Açoriano, combativo,
olha a Morte, sereno e sempre altivo...
Parece até mais forte do que o Mar!"

O Ano da Fome e do Fogo
Pedras Negras. Narrativa. Prefácio de Luís Fagundes Duarte. Lisboa, Edições Salamandra, 2003, 3ª edição portuguesa, “A Ilha escorraça a gente”, pp. 22-23-24 e 25.

“Francisco Marroco era pequenino, mas lembra-se...

Os homens falavam. Vagamente, muito de longe em longe, falavam de abalos de terra, muito mais vagamente e muito mais de longe em longe, falavam do fogo, lendário talvez, que teria outrora rebentado das pedras negras da Ilha.

[...]

E o Avô, com suas falas trémulas, seus cabelos brancos, mais uma vez começava:

- Quando eu era rapaz, houve o Ano da Fome...

[...]

... Um ano antes – ia o Avô contando -, num dos últimos dias de agosto, viera um ciclone. O povo correu à igreja, ajoelhou diante das imagens dos santos e da coroa do Divino Espírito Santo – porém, o mar não cessou de investir contra os rochedos da Ilha, meteu-se pela terra dentro, engoliu vinhedos e cerrados de pão. O vento derrubou a Ilha de ponta a ponta, derrubou paredes, arrancou tetos, desenraizou árvores, milhos, batatas-doces. Deixou os campos lambidos, nem que por eles tivesse passado o fogo. Desamparadas do Céu e do Mundo preparavam-se as gentes para a sobrevivência custosa, confiantes no peixe do mar, nos animais salvos da borrasca, no milho que lhes restava em casa.

[...]

O novo ano entrou com um inverno de quatro pedras na mão – ventanias, granizo, e chuva quase nenhuma. Germinaram e cresceram mal os outonos e os homens olhavam, descontentes, as nuvens de mau cariz.

Contudo, abril trouxe consigo a ilusão da primavera. Um frémito de vida nova corria nas veias de toda a gente. Melhorava o tempo, caía a chuva, clareava o Sol. Os lavradores atalharam, estrumaram, lavraram, lançaram a semente à terra.

[...]

Mas, estejam quinze dias sem chover, tudo se começa a ressentir. Daquela vez, deixou de chover no fim de maio. Passou junho sem que uma gota caísse. Definhavam-se os milhos, agoniavam-se as gentes. Apegaram-se ao Divino Espírito Santo – e passavam à noite, por esses caminhos por entre esses campos de milho, em procissões de preces e penitências, com a coroa do Divino Espírito Santo nas mãos. Veio julho, entrou agosto...

... E começara o Ano da Fome. Escasseava a comida. Água – entulhado pelo ciclone o poço de maré – só a do paul, suja de mosquitos e de bosta de gado. Emagrecidas, ossos vincados por baixo da pele macilenta, andavam as pessoas por aí, de olhos febris e bocas esfomeadas – os velhos a tombarem de fraqueza, as crianças confrangedoramente definhadas nas suas carinhas flácidas.

[...]

A princípio, matavam-se os animais para saciar a fome. Depois, começaram os animais a morrer e os homens continuaram a enganar a fome com os restos dos animais que morriam. Apareceu então o andaço: dores de cabeça, febre altíssima, ventre inchado [...]

- Quando, no fim de outubro o andaço amainou, nem uma só casa havia, nestas redondezas, onde a morte não tivesse entrado. Muitas ficaram desertas, de lume apagado na pedra do lar. E por esses campos – nem um pé de milho! Nem um fio de erva com vida!

Teimavam os sobreviventes em aguentar o fôlego nos corpos – e começou a debandada. A bem dizer, só ficaram os velhos, os doentes, os inutilizados. Novos, sadios, válidos – todos se foram! Para a América, para o Brasil, e os menos arrojados ou mais pobres de sorte, para as outras ilhas do arquipélago. Por elas também andara o Ano da Fome. Contudo, qualquer terra onde os olhos não tivessem chorado tanta desgraça – tinha de ser melhor do que esta. Os pais, se não podiam ir, mandavam por aí fora, ao deus-dará, os filhos, até os mais pequeninos, para os não verem morrer de fome.

[...]

Francisco Marroco lembra-se...”





CALHETA DE NESQUIM: A CASA DE DIAS DE MELO



O QUINTAL DE DIAS DE MELO

**A renda das terras,
Vinde e Vede. Narrativas. Lisboa, Editorial Ilhas, 1978, pp. 49-50.**

“Ao chegar à noite a casa, Rosa Jacinta, encarando à luz da lamparina o marido, recuou amedrontada. Teria o seu homem bebido de mais? Nunca o vira bêbado em dias da sua vida!...

- Que foi que te aconteceu?

Os pequenos, duas meninas e um menino, brincavam no chão da cozinha.

João Picotilho deixou-se cair no banco encostado à parede.

- Aconteceu que já não são nossas as nossas terras.

- Nunca o foram.

- Era cma se fossem. Quem é que as amanhã? Quem é que derramava o suor em riba delas? Só havia de ter direito à terra aquele que a trabalha.

- Havia de ser assim, mas não é.

Rosa Jacinta aproximou-se. Passou, numa carícia, as mãos nos cabelos do companheiro.

João Picotilho ficou longamente calado, de olhos pasmados para as chamas a oscilarem na pedra do lar.

Rosa Jacinta não se atrevia a quebrar aquele silêncio. Os filhos paravam nas suas brincadeiras e olhavam, sem compreender, o pai, a mãe.

- Afinal, o que foi que se passou? – arriscou-se a perguntar Rosa Jacinta.

- O que se passou? O que se passou é que...

Mais um silêncio, pesado e comprido, pesado e negro.

- Foram-le oferecer um conto e quinhentos por alqueire pelas terras que trabalho desde pequenino. E eu... Tirou-mas, o bandalho! E que não há lei. Que, aqui, a lei é ele. É ele: são eles, os donos da Ilha. Mas atrás do tempo tempo vem. Ainda um dia... Um dia!...

Auréolas de esperança resplandeciam nos olhos e nas faces de João Picotilho. Nos olhos e nas faces de Rosa Jacinta. Nas faces e nos olhos dos dois postos nos filhos.

Sentiam – ambos sentiam – que o dia da justiça e da libertação dos pobres há de chegar.

Ao Mundo inteiro.

E também à Ilha.”



LETREIRO À PORTA DA CASA DE DIAS DE MELO



“Como Antigamente” – 1 (NATAL)
Na noite Silenciosa. Poemas de Natal. Ponta Delgada, Ver Açor Lda., 2007, 2ª edição,
1., sem página.

Mãe,
vamos festejar o Natal
como antigamente...

Vamos à quinta buscar,
à quinta da Cascalheira,
o musgo verde da terra,
laranjas da laranjeira.

O musgo verde da terra,
laranjas d'oiro esmaltado,
nosso Presépio – e o Menino
numas palhinhas deitado.

Nosso Presépio e o Menino,
a Estrela em cima a brilhar,
na nossa Casa à ladeira
por trás das rochas do mar.

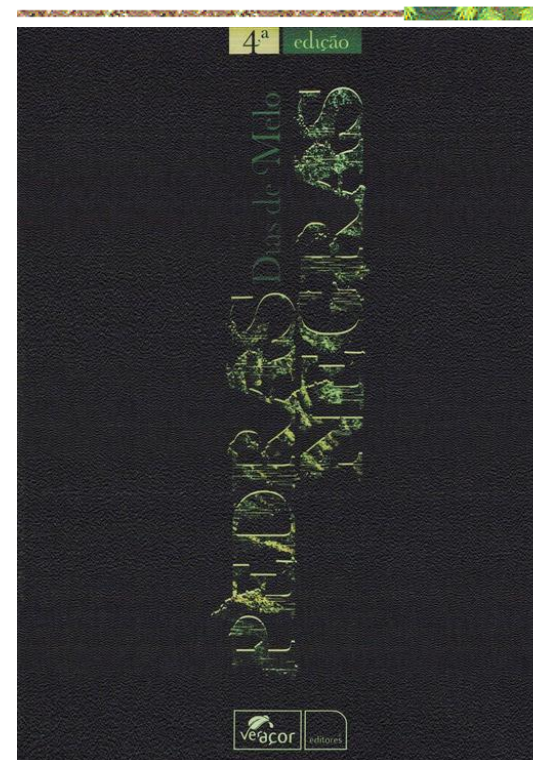
Na nossa Casa à ladeira,
a mesa posta no meio,
e a gente à espera do último
que tarda e ainda não veio.
A mesa posta no meio,
Alegria, luz acesa,
fartura de Pão e Amor
à volta da nossa mesa.

Sinos tocando no escuro,
a prenda no Sapatinho,
nossa prenda nos teus olhos,
duas gotas de carinho.

Mãe,
vamos festejar o Natal
como antigamente
(com estes versos escritos,
com estes versos sentidos

à moda das velhas trovas
dos velhos tempos perdidos)
o Natal de nunca mais
de tantos que já lá vão
e desta dor que nos fica
metida no coração.

Mãe,
Vamos festejar o Natal
Como antigamente,
Mãe...”



Pedras Negras. Narrativa.
Prefácio de Luís Fagundes Duarte. Lisboa, Edições Salamandra, 2003, 3ª edição portuguesa, “A Ilha escorraça a gente”, p. 94.

“Passava o cortejo, os foliões adiante batucando em seus tambores quando a música se calava – pum-catapum, catapum-pum-pum – batucando e cantando:

*E o Senhor Espírito Santo
Lá vem, lá vem à ladeira.
Vem ajudar a mordoma
A sacudir a peneira.*

Os foliões, e logo atrás, o estandarte adamascado, o mordomo de faixa vermelha atravessada do ombro esquerdo à direita da cintura, a rainha vestida de branco, diadema doirado em seus cabelos castanhos e a coroa de prata em suas mãos morenas. E crianças, com ramos de flores, e a música de farda branca e instrumentos reluzentes, e a fila dos irmãos, escorrendo suores em seus fatos domingueiros, a par das moças que levavam à cabeça açafates floridos cheios de bolos da véspera.

Na igreja muito clara, inundada de luzes e de perfumes, ajoelha a rainha, que o senhor padre vai coroar – e no coreto estremecem as vozes dos cantores. E a igreja toda canta, e as almas todas cantam!

No Terreiro, à tarde, a euforia do arraial. Bandeiras suspensas, rapazes e raparigas passeando e namorando – eles oferecendo confeitos, elas oferecendo sorrisos. E foguetes, e música. [...]”.

Por terras estranhas... A emigração: Os Trampas
Pedras Negras. Narrativa. Prefácio de Luís Fagundes Duarte. Lisboa, Edições Salamandra, 2003, 3ª edição portuguesa, “A Ilha escorraça a gente”, pp. 79, 80, 81 e 82.

“Atirado novamente, com os cobertores às costas, para as estradas longas da Califórnia, passava Francisco Marroco por cidades, vilas, lugarejos, batia de porta em porta e oferecia para o trabalho o vigor do seu corpo – artigo de mercadoria a ceder ao primeiro que lho quisesse aceitar, mesmo só pela dentada de pão. [...]

Cruzava-se com os que andavam como ele à procura de trabalho na terra da Califórnia (e de toda a América) – e com os trampas, de quem se afastava, que dessa gente ouvira o pior.

E continuava caminhando. Dobravam-se-lhe as costas à carga dos cobertores, doíam-lhe os pés nas botas roídas. [...]

Veio o inverno, caiu chuva, caiu neve. Abrigou-se da noite nos refúgios dos trampas por barracões desmantelados, sem portas, sem janelas e de teto a cair, e nas estações de caminhos-de-ferro, à ilharga das povoações. [...] À noite, muito distante do barracão ou da estação de carros de fogo da noite anterior, noutra barracão ou noutra estação de comboios

se acoitava juntamente com os trampas. Seus olhos já não fugiam dos olhos deles. Já os não repelia, já os escutava, já se intrometia nas conversas com que eles se enlaçavam de calor humano durante as noites geladas. E quando caminhava só nas estradas hostis – já desejava a noite e a companhia dos trampas como quem deseja o aconchego da família. [...]

- A escravidão acabou – diziam. – Somos homens e não bestas.

Explicavam: - Aceitavam o dever do trabalho, certos de que não tem direito à vida e ao pão aquele que não trabalha. Jamais abdicariam, porém, dos seus direitos de homens livres. Pioneiros do Mundo Novo, soldados alguns da cruzada que emancipara os escravos do Sul, prosseguiram na grande batalha pela liberdade do Homem [...]

Bebia Francisco Marroco as palavras dos visionários: eram o clamor da justiça e da razão dos humilhados e ofendidos. Havia, porém, os que eternamente resmungavam do arancel que os não deixava dormir – eram os definitivamente desgraçados e perdidos. Sem ideal, braços inertes e alma degradada, o ato de estender a mão no gesto indigno de mendigar ou roubar não lhes causava já engulhos do estômago, crispação dos nervos, confrangimento da consciência. Alguns acabariam dependurados numa forca.

De madrugada toda aquela gente vária dispersava no acaso das estradas que se cruzavam pela terra da América.”



Regresso à Ilha...

Pedras Negras. Ponta Delgada, 2008, VerAçor Editores, 4ª edição, pp. 93-95 e 96.

“Partiu da Califórnia [Francisco Marroco] numa noite de abril, de céu calmo e fulgente de estrelas. [...] e chegou à Ilha, no iate veleiro ‘S. Joaquim’, no sábado do Espírito Santo de manhã.

E quando seus pés tocaram a terra do Pico...

Corpo e alma dobrados num soluço, caiu Francisco Marroco de joelhos e beijou com seus lábios e encharcou com suas lágrimas aquelas pedras negras. E apertou contra o coração o corpo trémulo do pai, o corpo franzino da mãe, o corpo apaixonado de Maria. E também os parentes e amigos que apareceram.

Depois, os baús abertos – e o Pai, a Mãe, Maria, os parentes, os amigos, pasmados para as coisas que enchiam a casa do cheiro da América! Todos queriam ver e sentir em suas mãos aquelas coisas ricas. [...]

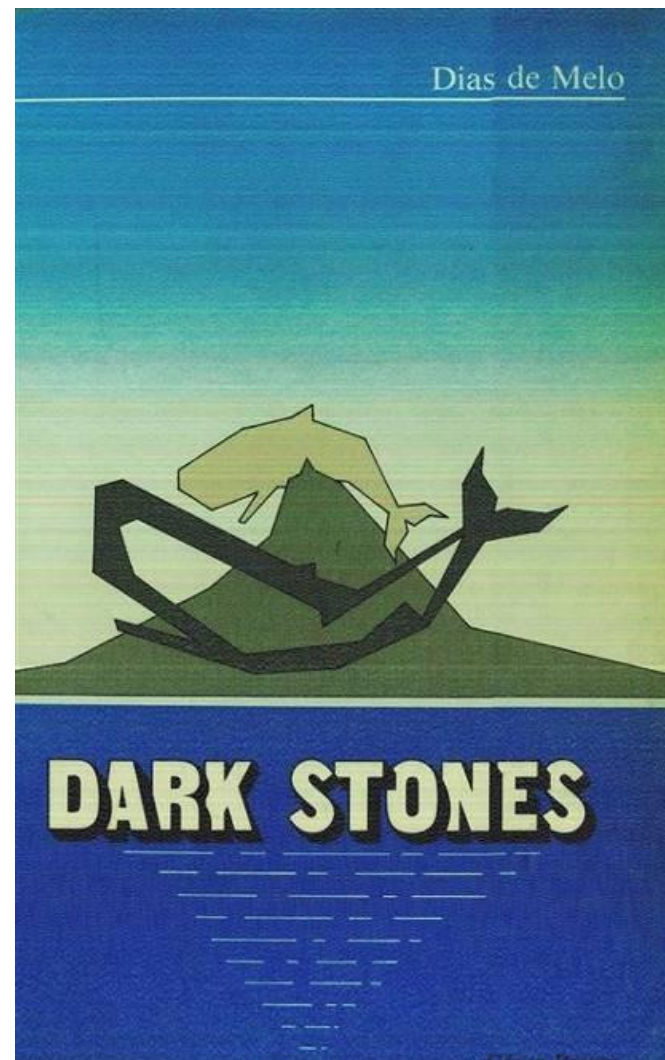
Velhos, novos, homens, mulheres, mesmo as crianças, todas pasmavam para Francisco Marroco: o fato bonito, os sapatos brilhantes, a gravata vistosa, a corrente de ouro atravessada no peito, o relógio metido na algibeira do colete. E o Pai e a Mãe, e o sogro e a sogra, que o haviam de ser [...] todos enroupados em farpelas novas. E Maria – que nunca ninguém vira senão de xaile negro por cima da cabeça – toda feliz, com roupas de seda, brincos nas orelhas, colares ao pescoço, anéis em seus dedos. – E todas aquelas roupas, e todos aqueles enfeites, e todos aqueles luxos dos velhos e de Maria – trazidos da América por Francisco Marroco, o *senhor americano*! [...]

E chegavam parentes, amigos, conhecidos, e traziam abraços e palavras de satisfação a Francisco Marroco, que adiantava em seu papel de americano:

- Vamos daí tomar qualquer coisa que eu quero brindar!

E lá iam, em ranchada alegre, ao botequim de mestre Augusto Boia. [...]

Os foguetes rebentavam, a música tocava. Já a noite caía na serenidade do céu e do mar. Uma sombra toldava e entristecia a alma de Francisco Marroco: João Peixe-Rei. Ainda não vira a viúva nem o filho dele.”





VISTA DA CASA DE DIAS DE MELO

Milhas Contadas. Romance. Lisboa, Edições Salamandra, 2002, pp. 43-44 e 45.

“A forte emoção vivida por Pedro António, quando, naquela sua primeira ida à Ilha, à Freguesia – há quantos anos! – ao amanhecer do oitavo dia de viagem, em grande parte bastante mexida, [...] vislumbrou, da amurada, a Ilha ao longe, imprecisa nas brumas cinzento-escuro que a enrodilhavam. Pouco a pouco a manhã a abrir-se, o navio rompendo caminho na epiderme, àquela hora plúmbea, do mar [...] e a Ilha a definir-se mais e mais com o assombro da Montanha a erguer-se das ondas e a perfurar o fundo da concha do céu, [...] Lá para o meio-dia navegava o navio ao longo da costa da parte sul da Ilha que nos oculta a Montanha e, por trás da linha da costa (pontas, baías, enseadas de pedras e calhaus negros [...] penedias negras, escarpas negras, falésias de cor indefinida), e pelos campos que se lhes seguiam, coloridos a verde de várias tonalidades, primeiro, aqui, ali, a espriarem-se em pequenas planuras, depois a treparem em vertentes íngremes, escavacadas, contorcidas, até aos cumes dos mais altos cabeços daquela parte da Ilha, e por esses campos, pela borda-d’água, até, em linha irregular, cerca de um quilómetro da borda-d’água, freguesias, povoados de casinhas, da cor da pedra nua ou brancas da cal que as pintava.

No começo da tarde – o porto da vila, já em outra zona, mais a oeste, da Ilha. O navio de ferro ao fundo no ancoradouro ao largo do porto da vila encolhidinho entre recifes [...] aqui como que sob a proteção da majestade da Montanha relativamente próxima, a Montanha da Ilha, na tarde rapidamente a aproximar-se do fim, era de inverno, beijada pelo beijo suave do poente nas encostas cobertas pela brancura da neve chegando quase até à falda pontuada pelo extenso rosário das casinhas, alvas ou não de cal, ao longo da estrada correndo, a curta distância do mar, [...] e aquelas casinhas correndo, pertinho do mar, ao longo da estrada, de ocidente para oriente, a confluírem para o porto da vila, dir-se-ia com vontade de fugirem (de quê? porquê?), talvez, outrora, dos piratas argelinos, ou para bem acolherem a quem chegasse de fora e viesse por bem, hoje, e no caso, o Lima, navio da carreira – ligação regular com Lisboa – e aos seus passageiros.”



Ti Manel da Pinta Loira
Vinde e Vede. Narrativas. Lisboa, Editorial Ilhas, 1978, pp. 171-172-173-175-176-177 e 178.

“Ti Manel da Pinta Loira, ora brumava quase colérico, ora murmurava quase choroso:

- Quero d’ir acabar os mês dias na minha ilha de São Miguel e ficar a dormir o mês sono eterno lá em riba, em São Joaquim!

Miudinho, com passos curtos e inseguros amparados no seu bordão de cana leve – andava por esses caminhos tão maus que nem no inferno se encontram piores. Vestia roupas de cotim remendadas e limpas, calçava selepas negras de pano ralo e solas de borracha branca e delgada. [...] À tardinha, descia ao Terreiro, à ilhargá do porto, parava junto à [...] porta do botequim ao cabo de cima do cais. Trazia sempre dependurada na mão liberta do punho do bordão ou pendente do ombro e a descer-lhe pelo peito, nem que fossem penduricalhos ou cordões de ouro em farda de general, qualquer coisa para vender – réstia de alhos, cambo de cebolas, mancho de malaguetas – fruto do seu trabalho paciente e pequenino.

Entravam com ele:

- Ti Manel, quando é que ides lá pra dentro, prò Vale das Malvas?

Vale das Malvas é aquela espécie de fajãzinha aonde se espalma o cemitério – e logo Ti Manel Pinta Loira repontava:

- Prò Vale das Malvas vã vancês! Ê quero d’ir acabar os mês dias na minha ilha de São Miguel, no cemitério de São Joaquim!

A sua pegadeira, a sua obsessão *[sic]*, o seu desejo maior, senão único: regressar e morrer na sua Ilha.

Espicçavam-no:

- A vossa terra não presta pra maldita coisa...

Seu bairrismo escoicinava-lhe até à raiz nas profundezas do peito:

- Não há terra no mundo mais linda! Linda e rica! Entances com cada senhor!... Vancês nã têm disso por cá!

- Não temos nem queremos ter. Livra!...

- Nã, vancês dizem isso só dos dentes pra fora, que o que vancês têm é inveja. Aquilo é cada senhor com cada estendal de terra e cada carrada de dinheiro!... Ê cá era do senhor Barão das Sete Grotas. Ih tanta terra, mês Dês Maria Senhor! Aquilo eram estufas de ananases, pomares de todas as árvores de fruta da criação, campinas e campinas de trigo e de milho, pastagens a abarrotar de gado leiteiro e de engorda, centos e centos de cabeças de gado, matas, moios e moios de matas de criptomérias e acácias... Ê sei lá! Um mar de terra de costa da Ilha. E tudo tã bem amanhado que nem que seja um jardim. Que jardim também le nã falta. [...]

Coisas com que na sua Ilha nem sonhariam: comer que arrancam aos bocadinhos, antes abandonados, e um teto desabitado, por via da emigração, que lhes cedem de graça. [...] ti Manel da Pinta Loira, também mais avelhentado, mais trôpego, mais escanchadinho nas pernas tão vacilantes que o bordão de cana gasto e leve com dificuldade cada vez maior

conseguia especar, continuava, quase já como uma sombra, a passar naqueles caminhos. [...] Conseguindo fazer seu negócio – uã cabeça d’alho vai por tanto, por uã cebola hã-de vancês dar tanto, as malaguetas nã las vendo senão às dúzias – logo entrava no botequim encardido, passava os olhinhos redondos como duas moedas de serrilha pelos jogadores da sueca abancados no canto à direita, ao fundo, atentos à manilha e ao rei, ao az e à bisca, [...] chamava, tímido, o vendeiro ao balcão e pedia encolhidinho:

- Meia quarta de sal...

(Meia quarta de sal – um seis e cinco de aguardente.) [...] Antes, todavia, que mergulhasse inteiro no poço sem fundo do seu sono de bêbado, ti Manel da Pinta Loira não parava de eramujar, de voz entaramelada, boca arreganhada e cara babada:

- Ê quero acabar os mês dias na minha Ilha de São Miguel... Ê quero ficar a dormir o mês sono atero lá em riba, em São Joaquim...

Um dia, foram-se-lhe as poucas forças que lhe restavam e ficou-se a definhar na enxerga estendida contra um canto. Ninguém mais o viu por esses caminhos, descer ao Terreiro, deter-se junto à ranchada dos ociosos na banquetta de cimento, rente ao botequim ao cabo de cima do cais.

Em casa, com os filhos, as noras, os netos que o velaram, voz a pouco e pouco mais baça, mais enfraquecida, mais apagada, era sempre a mesma pegadeira:

- Nã quero que me levem prò Vale das Malvas... Quero d’ir morrer à minha Ilha de São Miguel e ficar a dormir o mês sono atero lá em riba em São Joaquim... [...]

Tanto insistiu, tanto lamuriou, que os outros, fartos de sofrerem tanta lamúria, e ainda bem que se viam livres dele, acabaram por lhe fazer a vontade. Papéis e mais papéis, na Assistência, na Câmara, na Junta, nesta repartição, naquela, ali à esquerda na direção de tal, adiante na outra e ainda nessa outra secretaria, assinaturas e mais assinaturas, do senhor secretário disto, do senhor diretor daquilo, do senhor presidente de qualquer coisa... Dias e dias em que um dos filhos andou, numa roda-viva, de Judas para Pilatos e de Pilatos para Judas...

Levavam-no, numa colcha, ao automóvel que o transportaria à vila, onde tomaria o navio, ciciou ainda, profundamente doído, para o filho mais velho:

- Tua mãe... A minha pinta loira... Gostava tanto de a ver...

Ti Maria da Pinta Loira, aquela santa criatura, tão boa, tão asseada, tão lavadinha, tão alegre, tão suave, tão virtuosa – negou-se àquele encontro derradeiro.

Ti Manel partiu. Um alívio para todos.

Morreu a meio canal da Terceira para S. Miguel.”



___ Pedras Negras. Ponta Delgada, VerAçor Editores, 2008, pp. 93-95 e 96.

“Partiu da Califórnia [Francisco Marroco] numa noite de abril, de céu calmo e fulgente de estrelas. [...] e chegou à Ilha, no iate veleiro ‘S. Joaquim’, no sábado do Espírito Santo de manhã.

E quando seus pés tocaram a terra do Pico...

Corpo e alma dobrados num soluço, caiu Francisco Marroco de joelhos e beijou com seus lábios e encharcou com suas lágrimas aquelas pedras negras. E apertou contra o coração o corpo trémulo do pai, o corpo franzino da mãe, o corpo apaixonado de Maria. E também os parentes e amigos que apareceram.

Depois, os baús abertos – e o Pai, a Mãe, Maria, os parentes, os amigos, pasmados para as coisas que enchiam a casa do cheiro da América! Todos queriam ver e sentir em suas mãos aquelas coisas ricas. [...]

Velhos, novos, homens, mulheres, mesmo as crianças, todas pasmavam para Francisco Marroco: o fato bonito, os sapatos brilhantes, a gravata vistosa, a corrente de ouro atravessada no peito, o relógio metido na algibeira do colete. E o Pai e a Mãe, e o sogro e a sogra, que o haviam de ser [...] todos enroupados em farpelas novas. E Maria – que nunca

ninguém vira senão de xaile negro por cima da cabeça – toda feliz, com roupas de seda, brincos nas orelhas, colares ao pescoço, anéis em seus dedos. – E todas aquelas roupas, e todos aqueles enfeites, e todos aqueles luxos dos velhos e de Maria – trazidos da América por Francisco Marroco, o *senhor americano*! [...]

E chegavam parentes, amigos, conhecidos, e traziam abraços e palavras de satisfação a Francisco Marroco, que adiantava em seu papel de americano:

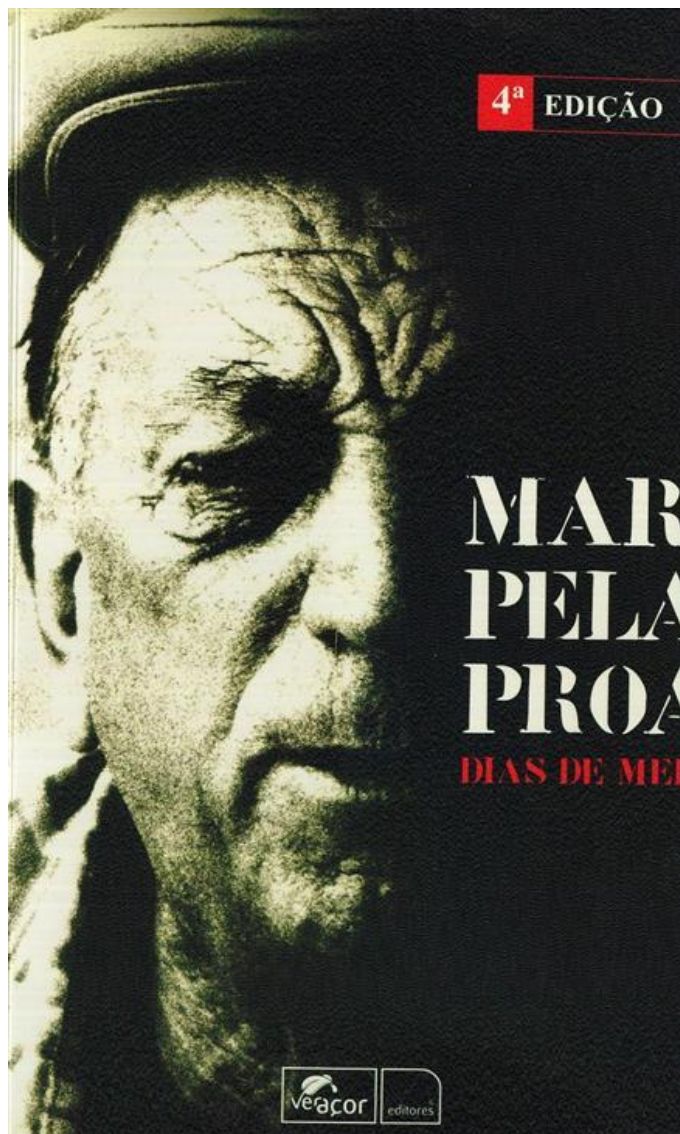
- Vamos daí tomar qualquer coisa que eu quero brindar!

E lá iam, em ranchada alegre, ao botequim de mestre Augusto Boia. [...]

Os foguetes rebentavam, a música tocava. Já a noite caía na serenidade do céu e do mar. Uma sombra toldava e entristecia a alma de Francisco Marroco: João Peixe-Rei. Ainda não vira a viúva nem o filho dele.”



ALTO DA BAÍA, CALHETA DE NESQUIM: A ENTRADA PARA A CASA DE DIAS DE MELO



Estes são os nossos botes
Mar pela Proa. Ponta Delgada, VerAçor Editores, 2008, 4ª edição, pp.19-20 e 21

“Saíram há três dias da Calheta de Nesquim, no Sul, na outra costa da Ilha, no velho “Deixa-Andar”.

Para os ver partir, muita gente veio ao cais, ao Terreiro, ao adro da igreja no alto dos rochedos, por cima do porto. Gente de almas conturbadas em suas carrancas de pedra que os não querem ali, prantados em suas barbas, com os botes e a lancha da Companhia Nova. Gente amiga, alegria nos olhos – além das mulheres, dos filhos, dos irmãos, dos pais, das mães, - os companheiros que não iam porque não podiam ir, nem importava que fossem, e ficavam à espera com alvoroço e ansiedade.

Vela e giba grande desfraldadas, dobrada a ponta da Ilha e correndo sempre a um largo bom de meia escota folgada, em duas audiências passaram aquele troço de mar, pelo Canal abaixo, até ao cais do Pico.

- Quando é que saímos? – quiseram saber os marinheiros.

Entenderam-se os mestres, João Laró, Artur Sonicante, Tónico Garoupa, António Marroco, em moroso conciliábulo gravemente ponderado com grossas baforadas de fumo dos cigarros que fumavam:

- Temos de tratar das coisas cma l'é dado. Nã vamos chegar assim, sem mais nem menos, de mãos a abanar, com a nossa lancha e os nossos botes.

- E olhavam o Sol a sumir-se na tarde fria, as nuvens paradas no céu baço, as espumas brancas a enroscarem-se nas pedras da beira-mar.

- Hoje então nã saímos?

- Não. Havemos de sair amanhã de manhãinha cedo.

Porém, durante a noite se toldou o tempo e três dias aguardaram, arrenegados no constrangimento da vila estranha, a bonança de uma aberta para a viagem de regresso.

Hoje, de madrugada, ao levantarem-se e ao verem o acalmão e o Sol radioso que rompia por riba de S. Jorge, - mal engoliram a dentada, mal entraram no botequim pelo consolo do mata-bicho matinal, mal ouviram e responderam ao vendeiro:

- Saem hoje?

- Vamos sair.

- Se me levassem uma barrica de aguardente que comprei prò João Moleiro...

- É pôr no cais.

E correram para o varadouro e com unhas e dentes se meteram a arriar as embarcações.

- Ampara daí!

- Tira a escora dessa banda!

- Adriça!

- Aguenta esse cabo!

- Ampara!

- Deixa d'ir!

Caiu à água o “Deixa-Andar”, logo a seguir caíram os botes, o “Pátria” primeiro, o “Cisne” depois.

E vinha a “Ilha Morena” a meio da rampa – quando tombou, desamparada, e, num ranger surdo de madeiras partidas, rombou o fundo contra um pau de varar desastradamente atirado para ali. (Por quem? Sabe-se lá!).

Foi como se lhes amachucasse os crânios o arrocho de um torno, como se mil arpões lhes espetassem as carnes. Todos viram, todos sentiram, dentro de si, as carrancas de pedra de quantos os não querem, com aquela lancha, com aqueles botes, na freguesia.

- Obra dos diabos! – rosnavam, de olhos arregalados para as tábuas esmigalhadas, fendidas, dilaceradas.

- Pragas que temos em riba das costas!

- E vamos ficar mais um dia fora de casa?!

- Ficar? Quem é que fala em ficar?

- Isto nem vale a ponta de um corno!

- Meia dúzia de pregos, uma borradeira de tinta e temos nau pró que der e vier!

Foram pelos pregos, por um martelo, por tinta, por uma brocha. E, atabalhoadamente atamancada, a “Ilha Morena” entrou na água.

Os baleeiros atiraram-se para dentro dela, do “Cisne”, do “Pátria”, do “Deixa-Andar”.

- A barrica de aguardente que não esqueça! É pró João Moleiro!

- É verdade!

- Vai no barco!

- Arrumaram-na à proa, debaixo do leito, no “Deixa-Andar”.

Insofridos, confiantes na força de rocha da sua vontade, apartavam, largavam, os botes e o barco amarrados ao cabo de reboque da “Ilha Morena”.

Nem viam nem ouviam o doido a correr pelo cais...

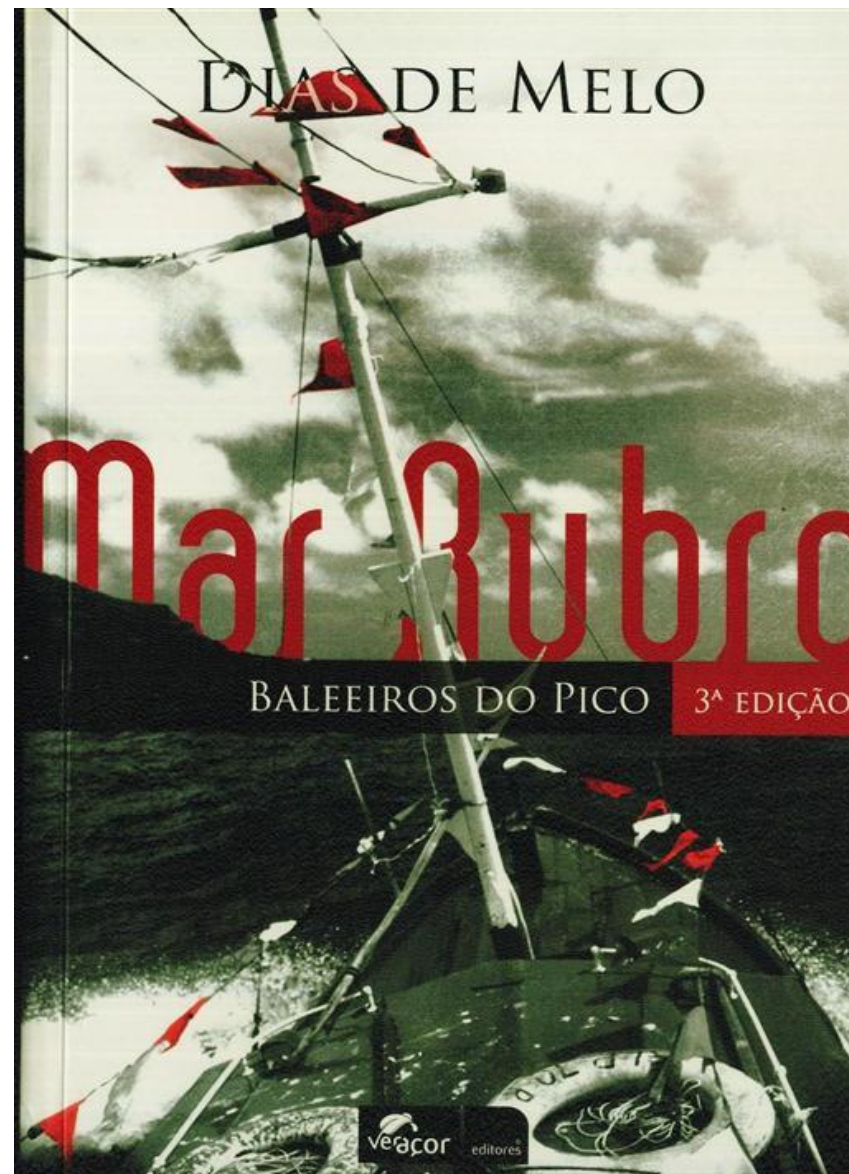
O doido – a figura do doido do Cais do Pico. Fora professor. E enlouquecera. Por quê? Não havia quem o soubesse. Enlouquecera. Inofensiva a sua loucura. Não fazia distúrbios. Não agredia ninguém. Apenas falava. Os grandes não gostam de o ouvir: odiavam-no pelo que lhes dizia. Os pobres respeitavam-lhe a palavra: dizia aos grandes as verdades que eles, de juízo inteiro, queriam, mas receavam dizer. Respeitavam-lhe e temiam-lhe a palavra, que ganhara fama de profética.

E desgrenhado, descalço, esfarrapado (assim andava sempre, depois que enlouquecera), de braços erguidos e olhos esgazeados, o doido corria pelo cais a gritar:

- Desgraçados! Oh desgraçados! Pra onde é que vocês vão?! Vocês não saiam desta terra, que vão morrer todos – todos! – por riba dessas águas salgadas!

Tremeram os da vila: conheciam o doido. E tremendo olhavam os da Calheta de Nesquim, que partiam, - e não viam, e não ouviam o doido a gritar, na ponta do cais, a gritar de braços erguidos para o céu:

- Todos! Todos vão morrer! Vocês não saiam desta terra! Vão morrer todos por riba dessas águas! Desgraçados! Desgraçados!”



**Terra de Baleeiros,
Mar Rubro, Baleeiros do Pico. Ponta Delgada, VerAçor Editores, 2008, 3ª edição, pp.
32-33 e 34.**

“Esta é uma pequena freguesia da Ilha do Pico, nos Açores. Nada de notável a assinalar.

Todavia, são belos os seus matos que, no alto e interior da Ilha, se requebram em curvas graciosas de colinas, montes, cabeços, montanhas revestidos de verduras, ou se alargam em ondulações suaves de planuras silenciosas atapetadas de erva abundante e fresca, marginadas e manchadas de longos renques e compactos bosques de cedros e azevinhos, de onde em onde alagadas pela pureza transparente das águas tranquilas de pauis e lagoas: os seus matos – com as nossas pastagens que nos sustentam os nossos gados. E belas estas vertentes que, lá em cima, se desentranham do céu e se despenham e descem até aqui, ao recorte caprichoso e irregular das penedias da costa negra. Belas, salpicadas de magotes de faias, incenses, figueiras, retalhadas de currais de vinha e campos de milho, penteadas pelo perfil das casas modestas, vincadas pelos sulcos cinzento-escuro dos velhos e pedregosos caminhos.

Nestes campos, ao longo destes caminhos, não há quem não tenha o seu quinhão. Cada qual é senhor da terra que cultiva e da casa que o acolhe.

E o mar? E o deslumbramento do mar, com a majestade das suas fúrias em dias de temporal, com a luminosidade do seu imenso azul quando, limpo o céu de negrumes de chumbo, o sol a tudo e a todos envolve em claridades de vida e alegria? E, neste mar, a epopeia das velas brancas dos botes dos baleeiros recortadas, vaporosas, leves, na neblinha das distâncias. E, no porto, o remanso da *casa dos botes* – o *lar* comum de toda a gente; e as esbeltas embarcações adormecidas, à espera, sob as suas telhas; e os velhos pescadores de monstros oceânicos a evocarem as suas façanhas espantosas...

Porque esta – é a terra de baleeiros.

Querem-lhe muito os que por cá nasceram. Daqueles que se foram para terras da América, num sonho ancestral de vagabundagem aventureira e cobiçosa, muitos são os que regressam. Primeiro, de quando em quando, a acalmar o bicho resinguento da saudade. Mais tarde, amalhada, ao preço de muitas canseiras, muitos sacrifícios – até de fome – a pequena fortuna ambicionada (ou parte dela) – para nunca mais partirem.

E que alegria a do regresso definitivo!

Lá longe, traziam na alma a imagem sempre nítida destes matos, destas vertentes, destes campos, destas penedias negras, deste mar e destas velas brancas dos botes dos baleeiros. E a toada das ondas mansas, e o trovejar dos vagaredos em noites de temporal, que, com as doces cantigas maternas, lhes embalaram o sono de meninos; e as falas graves

dos baleeiros que lhes encheram a imaginação de adolescentes com espantosas estórias de baleias - mais lindas e fascinantes que os contos de bruxas e fadas das avós piedosas e velhinhas.

Tiveram que ir penar mágoas, desbaratar a saúde, enterrar o melhor da própria vida num mundo que não era o deles para atinarem com o encanto de tudo isto.

Com o seu regresso, se concretiza a sua última e mais profunda ambição. Compram uns palmos de terra que acrescentam aos que herdaram dos antepassados; constroem, em sítio vistoso da encosta, a casa em que aconchegam o seu lar; vão à pesca ao Canal nos barcos dos pescadores; arranjam lugar para ir à baleia nos botes dos baleeiros; e, pé em terra pé no mar, como os pais, como os avós, por aqui ficam vivendo esta vida calma de simplicidade antiga, igual à de toda a gente, até que adormeçam para sempre, junto ao mar, no cemitério do Canto das Canadas, humilde e pequenino.

Esta – a vida para que nasceram. Cavar a terra que lhes pertence; ir à pesca em noites bonançosas; ir à baleia, por esses mares sem fim, quando o foguete rebenta na *vigia*; e, no intervalo de duas canseiras, ter tempo, muito tempo, para descansar, na *casa dos botes*.

Terra de baleeiros – vida de baleeiros.”

Para o Genuíno Madruga Filho desta nossa terra

Vens de dar a volta ao Mundo,
Vens de dar a volta à Vida,
Mar bravio, Mar profundo,
Teu barco, vela erguida,

Contra ventos, furacões,
Navegando em frente, em frente,
Na rota dos galeões
Do Oriente, pró Ocidente

E tu sozinho a lutar,
À luz sol, do luar,
Palmo a palmo, milha a milha,

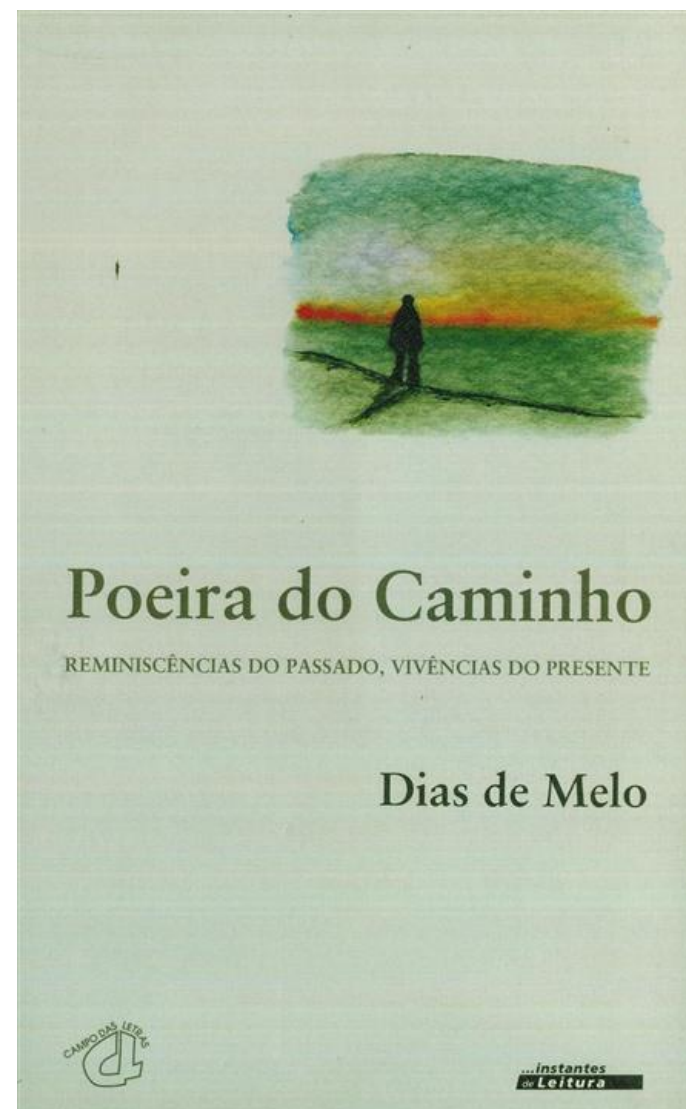
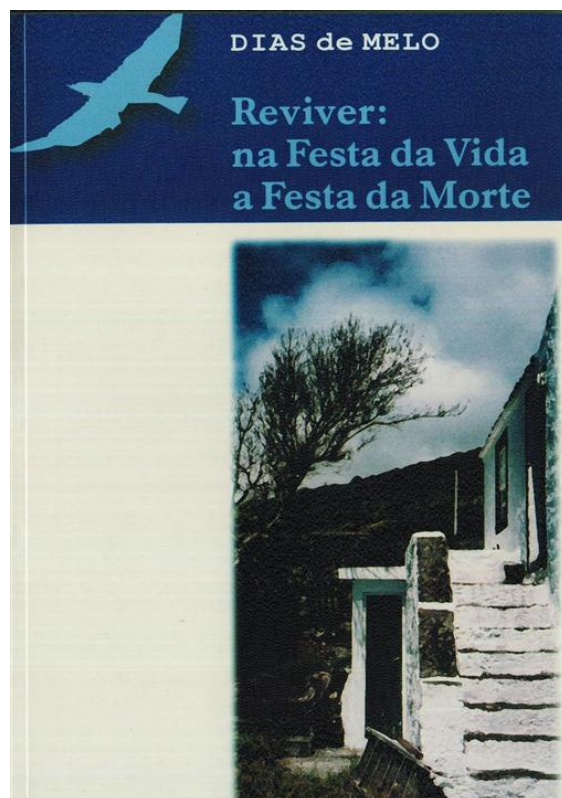
Vencer! Glória pessoal!
Glória para Portugal!

Glória prà nossa ilha

Ilha pobre e orgulhosa,
Foi nela que tu nasceste
Do teu Povo que te tem
O amor que lhe mereceste,

Um grande, um grande amor,
Nossa imensa gratidão!
A boca diz – só te diz
O que diz o coração!

Ponta Delgada, 2008-01-20



GLOSSÁRIO DA OBRA DE DIAS DE MELO

Palavra	Significado	Obra
abeiro (de palha)	chapéu de palha., de abas largas	Mar Rubro
açafates	pequeno cesto de vime sem arco e sem asa - canastra	Mar Rubro
açarelasse	precipitasse numa decisão	Mar Rubro
açodes; açodar	irritar facilmente; apressar; distrair, entusiasmar	Mar Rubro
albarcas	espécie de sandália, só para a planta do pé segura com tiras de couro	Pedras Negras; Mar Rubro
alvarozes	<i>amer. over alls</i> - "jardineiras"; calças de ganga com peitilho e suspensórios	Mar Rubro
alvião	tipo de enxada, com uma parte chata e outra em bico	Pedras Negras; Mar Rubro
ampo	protuberância ("bossa") de alguns cetáceos (comum no cachalote)	Mar Rubro
angrim	espécie de ganga azul, usado no vestuário de trabalho	Mar Rubro
anojados	desgostosos; pôr-se de nojo; enlutados	Mar Rubro
aranzel	discurso prolixo; formulário; pessoa fraca	Mar Rubro
arrião	terreno de cultivo em socalcos	Pedras Negras
atafona	do árabe <i>at-tahunâ</i> , «moinho», é um tipo de mecanismo manual ou movido por força animal destinado a transformar o andamento do animal em movimento rotativo para mover moinhos, engenhos de açúcar, engenhos de ralar mandioca, engenhos de pastel, bombas para elevação de água, teares e outros equipamentos. Para além de seres humanos, foram utilizados para mover atafonas, entre outros animais, cavalos, burros, camelos, bovinos, carneiros e cães (IN Chrys Chrystello)	Mar Rubro
bagalhioço	variedade de figo serôdio, miúdo; Fig. Muito dinheiro	Mar Rubro
Blós!	<i>amer. blows</i> ? - soprar, bufar; - Baleia à vista!	Mar Rubro
boceta	caixa de rapé; nariz	Pedras Negras
brandaia	cada uma das cordas que segura o mastro; espia	Mar Rubro
bumbos	retranca da vela do bote baleeiro	Mar Rubro
burgalhau	porção de cascalho grosso (de lava solidificada); calhaus miúdos e soltos	Pedras Negras
cains	?? (cans -homens maus)	Mar Rubro

Calafona	estropiação, na fala dos emigrantes, de Califórnia	Mar Rubro
capelo do Pico	barrete de nuvens que encima a ilha do Pico - anúncio de mau tempo	Mar Pela Proa
carreto	grande quantidade	Mar Rubro
causo	acontecimento, historieta	Mar Rubro
ceia (mar.)	v. cear - rema para trás!	Mar Rubro
cerrados (de pão)	terra murada ou vedada	Pedras Negras
chança	corruptela de chance: oportunidade, hipótese	Mar Rubro
embiocadas	embrulhadas num xaile que cobre a cabeça das mulheres	Pedras Negras
esbragilhada	mal vestido; fralda da camisa saída	Mar Rubro
escamalhoad (a)	v. escamalhoar - fugir, escapar	Mar Rubro
escota (a)	cabo de laborar, que segura a vela, à mão, quando enfunada	Mar Rubro
esmandrigar	esmandrigado - mole; de fraca consistência	Mar Rubro
espermacete	óleo esbranquiçado da cabeça do cachalote	Mar Rubro
esparrela (remo)	remo grande que o capitão usava como leme, na altura de arpoar	Mar Rubro; Mar Pela Proa
estarraçar	destruir; estragar; partir; quebrar	Pedras Negras
fatelim	o m. q. fatelingue; Bal. Toucinho da baleia, usado para óleo para iluminar	Mar Rubro
fedor	desprezível, nojento; mau tempo	Mar Pela Proa
frocas	<i>amer. frock</i> : camisola interior; camisola de lã	Mar Rubro
gafes	<i>amer. Gaff</i> - naut. Peça que ajuda a içar a vela	Mar Rubro
ganhoas	o mesmo que gaivotas	Pedras Negras
gibas	corruptela de giga; corcunda; naut. fespécie de vela	Mar Rubro; Mar Pela Proa
lançuoape	Bal. Corda que se prende ao estropo da lança e permite recuperá-la	Mar Rubro
liljunjas	corruptela de lisonja; acanhamento; cerimónia	Mar Rubro
madorna	corruptela de modorra; sono leve; sonolência torpor	Mar Rubro
mancebo	tabuleiro ou prato, de madeira ou ferro, para suspender a candeia	Pedras Negras
maroiços	o m. q. remoinho; amontoado de pedras (basalto), em pirâmide	Pedras Negras
mastaréu(s) (a)	peça de madeira que completa, para cima, o mastro real	Pedras Negras

mesena (a)	Mezena: vela latina, quadrangular que se enverga no mastro da mezena	Mar Rubro
moledos	pedra de grande tamanho	Pedras Negras
mornaça	tempo quente e húmido; lento, pasmado, indolente	Mar Rubro
moroços	o m.q. maroiço; ver Maroiço	Pedras Negras; Mar Rubro
padeja	v. padejar - remar nos botes baleeiros	Mar Rubro
palore(s) (a)	palidez	Mar Rubro
poita (a)	objeto pesado que faz as vezes de âncora, em pequenas embarcações	Mar Rubro
queice	o m.q. espermacete	Mar Rubro
queique	<i>amer. Cage</i> - balde de madeira usado no bote baleeiro	Mar Rubro
ruama	peixe miúdo, petinga; fig. Rancho de filhos; pej. Pessoa de má índole	Mar Rubro
sanas da bicha	o m. q. SANABOBICHAS - <i>amer. Son of a bitch</i> - "filho da mãe", "filho da p."	Mar pela Proa
sueras	<i>amer. Sweater</i> : casaco malha; camisola de lã	Mar Rubro
surriada(s)	aragem carregada de sal, fustigada pelo rebentar das ondas	Mar Rubro
talabardão (a)	conjunto de pranchões que ligam os dormentes da tolda ao castelo da proa	Mar Rubro
tilhas	sobrado móvel das embarcações	Mar Rubro
trampas	<i>amer. trampe</i> - Vadio, que não faz nada	Mar Rubro
Trancar ;trancador	arpoar; arpoador de baleia	Mar Rubro
verdugo (mar.)	pequeno peixe, também conhecido por lambaz	Mar Rubro

Barcelos, J.M. Soares - *Dicionário de Falares dos Açores* - Almedina, Coimbra, 2008

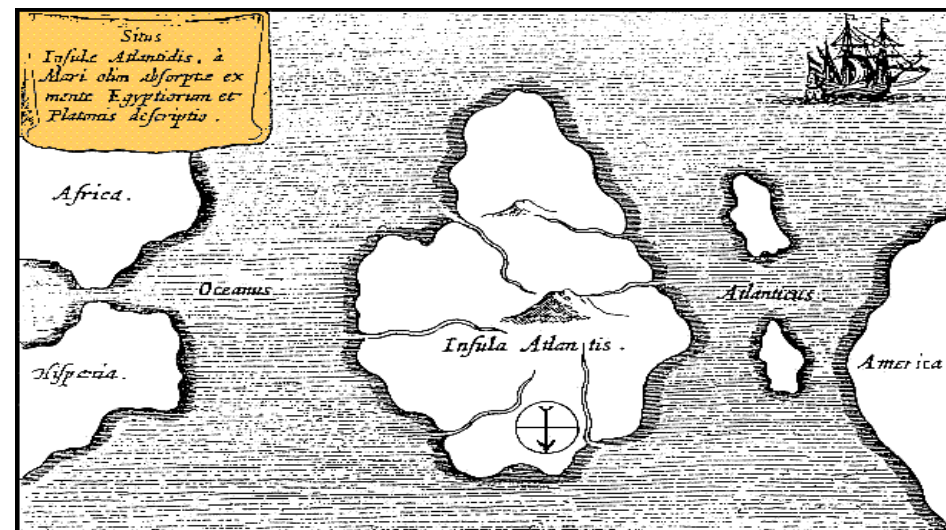
(a) Houaiss, Antônio et al. - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* - Temas e Debates, Lisboa, 2003

NOTA: não foi possível encontrar significado para alguns termos, tais como, a título de exemplo, "ditavante"; "tidente"; "cains"; burromão"; "carranço"; "espés" e outras mais que aqui não são indicados. Cremos que se trata, nuns casos, de corruptelas de algumas palavras que não conseguimos descortinar. Noutros casos, pomos a hipótese de se tratar de gralha tipográfica, que impede a busca da palavra correta, como aconteceu, por exemplo, no termo "mesena", cuja grafia correta é Mezena, esta, sim, com significado náutico.



No 9º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, LAGOA 2008

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



CADERNO Nº 3 Edição março 2010

DEDICADO A JOSÉ DIAS DE MELO

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL Colóquios da Lusofonia

Coordenadoras Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**
Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115